

Evento Avaliação – Integração de Métodos em Avaliação: possibilidades e limites

Transcrição das falas de Ana Luiza Borges e Juarez Pereira Furtado

Parte 1. Ana Luiza Borges:

Primeiro, bom dia! Queria agradecer a oportunidade de vir aqui falar neste espaço que eu frequento desde que começou, um espaço importante de discussão de um tema tão em voga hoje na nossa área do terceiro setor e em outras também. Eu vim em nome da equipe do Jovens Urbanos, que está toda aqui, em nome do CENPEC, que é uma organização que muitos de vocês devem conhecer. Uma organização que atua na área de educação, cultura e ação comunitária há pelo menos 20 anos, desenvolvendo projetos não só regionais quanto nacionais. Pra mim é uma honra representar todo esse time e falar de um programa tão complexo e interessante como o Jovens Urbanos. Eu vou primeiramente apresentar um pouco o programa pra vocês entenderem como ele funciona e depois falar um pouco das práticas de avaliação que estão referidas a ele e acumuladas ao longo de toda a história do programa.

O programa Jovens Urbanos é um programa de formação para jovens de 16 a 21 anos. Jovens que estão localizados nas periferias das grandes metrópoles, em princípio em São Paulo, mas também já houve uma experiência no Rio de Janeiro. Tem uma característica de programa-rede, então ele funciona numa parceria com diversos atores institucionais e pessoas físicas também. É uma iniciativa da Fundação Itaú Social com a coordenação técnica do CENPEC, que executa o programa. Conta com as ONGs executoras – a gente chama de ONGs executoras as ONGs que estão nas localidades, nos territórios e fazem a formação direta com os jovens. Um apoio institucional muito importante é o da prefeitura de São Paulo pela Secretaria do Trabalho, que fornece a bolsa-trabalho – dentro do programa bolsa-trabalho, oferece um auxílio pecuniário aos jovens de metade do salário mínimo, enfim, tem uma vinculação com esse recurso que vem da prefeitura. Além disso a gente tem parcerias tecnológicas com Museus e outras instituições que fazem a formação tanto dos profissionais que formam os jovens como dos próprios jovens e as assessorias tecnológicas, que são grupos, coletivos e profissionais que desenvolvem oficinas que nós chamamos de experimentações – fazem essa parte densa de formação dos jovens ao longo do programa.

Alguns dos objetivos, os principais aqui:

- Ampliar o repertório de competências e habilidades para a vida pública e para o mundo do trabalho;
- Contribuir para a permanência, retorno e conclusão da educação básica do jovem (porque essa é uma questão muito importante, a da escolaridade);
- Expandir o repertório social, cultural e político;
- Gerar oportunidades de inserção produtiva no mundo do trabalho, além da participação na vida pública (não é um programa de profissionalização, no entanto traz a discussão do mundo do trabalho com a intenção de qualificar essa entrada do jovem ao mundo do trabalho que a gente sabe que é bastante complexa).

A metodologia de trabalho com os jovens tem quatro características principais: **experimental**, que pode ser traduzido como aprender fazendo, então ele vai vivenciar oficinas, vai acessar tecnologias disponíveis na cidade. Ele vai **explorar**, ele vai conhecer a cidade nas mais diversas instâncias e equipamentos e espaços dos quais ela é composta. Ele vai **produzir** a partir dessas experiências, vai criar produtos, ou seja, ele vai concretizar esses aprendizados e ele vai se **expressar**, ele vai ter possibilidade de apresentar publicamente essas produções, essas vivências coletivas e individuais deles na cidade. Essas quatro características são os pilares da formação. Obviamente são base para a formação que a equipe técnica faz com os profissionais das ONGs, que são os educadores e os coordenadores, e é também a base para que os educadores trabalhem com os jovens diretamente na ponta.

O programa Jovens Urbanos existe desde 2004, quando ocorreu a primeira edição, uma edição experimental na Brasilândia e no Campo Limpo. A segunda aconteceu nos mesmos territórios. Em 2006 tem uma edição também experimental na cidade do Rio de Janeiro, em Santa Cruz e Manguinhos, que traz também bastante riqueza e elementos para repensar o programa e aí a terceira edição, que inaugura uma fase mais consolidada do programa, com um desenho que permanece em grande parte até hoje. Essa edição ela vai para a quarta e para a quinta no mesmo território, então Lajeado na zona leste e Grajaú na Zona Sul. A gente está agora neste momento na sexta edição. O programa duplica, então a gente sai de dois territórios para quatro, de oito ONGs para dezesseis, de 480 jovens para 960 e continuamos na zona leste e sul. Então Heliópolis e São Miguel Paulista são os novos territórios que estão caracterizando esta edição, que é uma edição bastante desafiadora para a equipe e para todos os atores envolvidos. Primeiro pelo tamanho, depois porque ela tem novos territórios e novas organizações junto com organizações que já estão há três edições no programa, então que acumularam muita experiência e muitos saberes e então isso tem sido bastante rico, essa troca entre as organizações.

A gente fez uma varredura em todas as edições e a gente já atendeu 3840 jovens, contando os 960 jovens dessa sexta edição. Até a quinta edição a gente já lidou, já recebeu e já acompanhou 200 projetos de intervenção urbana realizados por jovens no programa. São projetos feitos por grupos de jovens e não individualmente. Aproximadamente realizamos 1.000 horas de formação para coordenadores e educadores das organizações e foram assinados já 63 termos de cooperação com as organizações, que são os termos que balizam a relação institucional com as organizações locais e que prevêm algumas contrapartidas das organizações a partir do que o programa oferece de formação e de repasse de recurso, etc.

A edição atual, para retomar um pouco, vendo no mapa, a gente está na zona leste em dois territórios muito próximos: São Miguel e Lajeado. Na zona sul, sudeste, a gente tem o Heliópolis e o Grajaú, já um pouco mais distante, no entanto há bastante confluência de pressupostos para o trabalho com esses educadores e com esses jovens.

O programa se divide, se organiza em... são 960 jovens divididos em 16 organizações, 60 em cada organização, sendo 30 em cada período (30 de manhã e 30 à tarde). A gente trabalha com 48 profissionais e as formações geralmente são formações que colocam todos eles para discutir. Tem momentos em que há formações específicas para os educadores, mas geralmente os coordenadores e os educadores estão juntos, é uma equipe pedagógica que trabalha junto para pensar e repensar sempre a formação dos jovens.

Esse slide é um esquema pra gente organizar um pouco esse nosso trabalho de avaliação. Nosso grande objetivo é fazer uma formação ampliada dos jovens, ampliar esse repertório dele na cidade, de entendimento, de letramento, de compreensão da cidade nas suas complexidades e durezas.

A gente então tem esses quatro tipos de avaliação, que são os tipos mais conhecidos aí nossos: diagnóstico, processo, resultado e impacto – no caso aqui o impacto é o impacto econômico – vocês vão ver que eu vou falar disso mais pra frente. Vale dizer que o objetivo maior desse desenho de avaliação é sempre alimentar o programa com informações que sirvam à gestão e que dêem a possibilidade de a gente sempre repensar e replanejar as ações pensando obviamente em melhorar e buscar com mais afinco os objetivos do programa. Essa avaliação de diagnóstico e a avaliação de processo são feitas internamente com a equipe. Então a gente tem esse desenho que parte da ideia de que há três dimensões principais, que são as dimensões referidas aos atores envolvidos nos programas: os jovens, os profissionais, que são os coordenadores e educadores, e as ONGs executoras.

Em relação aos jovens, a gente faz um perfil social, econômico e cultural deles no ato da inscrição no programa. Esses dados vão ser processados e discutidos até o fim do programa. Esse perfil vai sendo retomado e atualizado conforme o número de jovens vai mudando, porque há uma evasão, pequena, mas há uma evasão.

O longo do processo de formação dos jovens a gente faz uma avaliação das experimentações, que são as oficinas que eles fazem com as assessorias tecnológicas, com o intuito de tentar captar um pouco aprendizagens diversas que eles vivenciam e que eles entram em contato. No final do

programa, depois de passar por uma formação de dez meses, em que eles fazem explorações, experimentações, produções, participam de encontros públicos e etc, os jovens têm como meta e como sugestão nossa realizar um projeto de intervenção na comunidade. Nesse momento a gente faz também um trabalho forte de acompanhamento desses projetos, coloca os jovens pra apresentarem seus projetos por uma banca examinadora, com a intenção de avaliar que propostas são essas e de melhorar as propostas pra que elas sejam aproveitadas da melhor forma. Em relação aos profissionais a gente faz uma formação inicial, um levantamento de expectativas que vão ser retomadas ao final da formação, do período de formação, e ao longo de todos os encontros de formação inicial e continuada a gente faz avaliações pontuais sempre com a intenção de alimentar e orientar as pautas seguintes. A ideia é sempre trazer os resultados da avaliação pra discussão para a gestão melhorar.

No caso das organizações executoras, a gente faz um acompanhamento, um monitoramento do desempenho delas no programa em relação a – um dos indicadores que a gente usa é o número de explorações que a ONG realizou com os jovens e isso está relacionado ao bom uso do recurso que é repassado para eles, então a gente consegue fazer um controle conjugado aí, a gente qualifica um dado, a própria ONG qualifica pra gente um dado numérico que vem de explorações e a gente consegue mapear os locais por onde os jovens dessa organização circularam. Então tem também o desempenho com relação à utilização dos recursos financeiros, tem um controle que é forte, é importante pra gente porque dá pistas diversas não só em relação aos recursos financeiros mas também à gestão da organização e um momento importante também que a gente centra o acompanhamento na ONG é a parte de acompanhamento dos projetos jovens, que a gente sabe que é um momento que já é finalização do programa, mas que os jovens contam com o papel do educador pra realizar bem o projeto.

A gente tá desenvolvendo, ele ainda não está totalmente finalizado, mas está em fase de finalização, já está em uso: um sistema de acompanhamento e controle informatizado. É um sistema que ajuda a manter registro de todos os atores envolvidos no projeto. Então temos cadastros das ONGs executoras, dos profissionais envolvidos, dos assessores, dos parceiros tecnológicos, da equipe técnica do CENPEC, etc. É nesse sistema que a gente insere todos os dados provenientes do cadastro dos jovens, não só os 960, mas os 3 por vaga, mais ou menos, então nessa sexta edição são 2400 jovens inscritos, então a gente trabalha com esses dados anteriores ao fechamento da turma fixa, da turma que vai até o fim, de 960. Esse sistema ajuda a gente a acompanhar o trabalho das organizações, porque tem o registro de todas as atividades que eles realizam, não só com os jovens, mas reuniões pedagógicas e participação em encontros. Conseguimos também acompanhar a frequência dos jovens nos encontros que é uma coisa importante. Enfim, ele gera uma base de dados gerencial com informações de gestão para a equipe técnica. A gente tenta consultar e utilizar isso no cotidiano do programa pra conseguir refazer, repensar as nossas ações, nossas atividades. Além disso ele tem uma ferramenta que georreferencia os locais por onde os jovens circulam, então é interessante porque a gente tem mapas que mostram a circulação desse jovem e a ocupação do espaço na cidade.

Todos os dados produzidos por todas essas nossas entradas são discutidos intensamente nas instâncias de participação do programa.

As instâncias de participação: Comitê executivo é uma instância que participa a Fundação Itaú Social, o CENPEC e os coordenadores das ONGs. Acontece mensalmente e serve como encontro para alinhar a gestão e sempre são alimentados por dados do monitoramento e de avaliações que por ventura tenham já resultados. O comitê jovem é uma instância coordenada pelos jovens, que são eleitos – um jovem por turma. A gente tem 32 turmas de jovens, então em princípio a gente tem um comitê jovem, nesta sexta edição, de 32 jovens e temos 32 jovens suplentes que os substituem caso seja necessário. A ideia é transformar esse espaço do comitê jovem num espaço de expressão jovem, em que eles possam não só entrar em contato com os dados produzidos pelo monitoramento e avaliação, mas também com todo o planejamento do programa e que possam dar suas opiniões e fazer suas sugestões em relação ao desenho e ao que eles esperam do programa jovens urbanos. É a segunda edição em que a gente está testando essa instância. A gente ainda está aprendendo bastante,

mas a gente entende que é um espaço importante de discussão, ainda mais quando o sentido do programa se dá a partir da participação dos próprios jovens.

O encontro ampliado é um encontro importante pra gente, é um encontro bastante avaliativo. Participam sempre a Fundação Itaú Social, o CENPEC e todas as ONGs – os dirigentes de ONGs também quando querem podem participar e entram na discussão. A ideia é fazer um alinhamento e uma avaliação do programa em dois momentos, no meio e no final.

O conselho de acompanhamento é onde participam todos os atores, todo mundo: a Fundação Itaú Social, o CENPEC, a prefeitura, os parceiros tecnológicos, as organizações, os assessores e os jovens – são tirados alguns representantes de jovens por território. Esse momento é uma instância que tem como meta chegar ao final da discussão e tirar recomendações que possam ser acopladas, que podem ser incorporadas à edição em curso mas que necessariamente tem que orientar o desenho da edição seguinte. Então é um momento bastante importante e por isso ele está aberto a todas as pessoas que participam e que fazem o programa.

Alguns exemplos de recomendações que saíram dessas instâncias de participação, por exemplo a necessidade de inclusão das famílias no programa. Como é um programa em que o jovem vai para rua, vai pra cidade e os jovens são bem jovens, têm 16 anos acabaram de fazer 16 anos, os pais precisam entender o que está acontecendo pra poder permitir que os jovens frequentem a ONG e saiam e vão para o centro, Ibirapuera, museus, pico do Jaraguá etc... Então a gente tem aí uma intenção de envolver mais as famílias. A gente tem já tem algumas organizações que nessa sexta edição fizeram algumas ações bem sucedidas, chamando os pais dos jovens pra própria organização, apresentando o programa e isso já reverbera numa relação um pouco mais flexível e mais interessante com os jovens.

Foi detectada uma dificuldade de gerir a bolsa por parte dos jovens, então a gente, na parceria com a Fundação Itaú Social, traz os voluntários do banco pra fazerem oficinas com os jovens. Uma das oficinas é de uso consciente do dinheiro, pro jovem entender um pouco como é que ele pode usar esse recurso que ele tem agora pra ele. Isso é uma coisa muito forte no programa, o jovem realmente dá muita atenção a isso e geralmente ele acaba gastando tudo rapidamente. A ideia é ensiná-los um pouco a trazer um pouco mais de maturidade para o uso do dinheiro.

Outra recomendação é que tivesse um dia de lazer e mais uma vez o banco abre um espaço seu para que haja uma confraternização entre os jovens de todos os territórios, porque afinal de contas eles passam por 14 meses de formação, mas tem alguns momentos de integração. Esse momento do Clube Itaú é um momento esperadíssimo onde eles se encontram e se conhecem, passam um dia de recreação e de festa.

Uma outra demanda que aparece é a demanda por cursos profissionalizantes. A gente responde fazendo uma parceria com o Centro Paula Souza, que começa na quinta edição e se mantém nessa já um pouco mais consolidada, com oferta de cursos profissionalizantes para algumas turmas de jovens.

A avaliação de resultados: na terceira edição foi contratada uma empresa, uma consultoria que trouxe também alguns apontamentos e a gente também incorporou, deu algumas respostas a esses apontamentos. A bolsa precisava ser um pouco mais organizada então tem uma atenção, um trabalho de organização de um banco de dados em que se consegue ter um pouco mais de controle desde a entrada do jovem com o perfil dele, até a hora em que ele sai, sabendo o motivo da evasão, qual o motivo do desligamento, sabendo a experimentação pela qual ele passou e tudo isso acoplado a um controle da bolsa. A dificuldade de comunicação direta com os jovens, então o comitê jovem vem pra responder a isso, dar ao jovem esse espaço de voz, de expressão. Uma dificuldade de compreensão do programa, porque é um programa complexo, cheio de meandros e de ações, então nos encontros públicos de apresentação do programa para os novos jovens a gente chama agora ex-jovens urbanos que contam as suas experiências as suas vivências pros novos jovens, como que fazendo um convite a essa vivência. Questões de comunicação entre o CENPEC e as ONGs, então a gente criou um canais de comunicação como grupos de e-mail e blogs e hoje a gente acompanha toda a formação que os educadores fazem com os jovens através de um contato telefônico e pelos encontros, mas fundamentalmente a partir dos blogs. A ideia é que os educadores

tenham uma prática de escrita e de leitura também dos blogs dos colegas e que ali estejam conteúdos formativos que possam ser mapeados e transformados em exemplos a serem levados para outras edições.

Sobre as instituições parceiras, a ideia é apresentar melhor as propostas das instituições parceiras que vêm ao programa. São muitas entradas, são muitas instituições, então isso ficava um pouco perdido e por isso a gente traz essa instituição pra falar diretamente com os profissionais e também com os jovens.

Os resultados da avaliação de impacto econômico, que é realizada pela Fundação Itaú Social, trazem também alguns resultados e a gente também dá algumas respostas. Diante da constatação de que há um aumento de renda, a gente já havia constatado, mas percebe que o mundo do trabalho é mesmo uma questão que precisa ser trabalhada, então volta a ideia da oficina do uso consciente do dinheiro e aí diversas entradas de parceiros como o IBOPE e o Centro Paula Souza, por exemplo fazendo ações diretamente com os jovens. Nesta edição a gente vai fazer uma turma e vai fazer um curso de pesquisador no IBOPE/Instituto Paulo Montenegro, eles vão formar pesquisadores para trabalharem com pesquisa etc, então tem uma entrada importante aí. O aumento da empregabilidade também foi constatado, então a gente busca entender, qualificar um pouco mais esse dado de evasão do programa, que geralmente é por motivo de trabalho, de inserção no mercado de trabalho – agora, que trabalho? Então a gente busca ter esse dado mais apurado. E aí parcerias que o programa faz para encaminhamento profissional dos jovens depois do término do programa. O aumento significativo da frequência de leitura dos jovens e isso reforça a importância do eixo de letramento como força do trabalho pedagógico e a utilidade das ações de comunicação, então os encontros públicos como possibilidade dos jovens se expressarem oralmente, conseguirem organizar uma fala, saberem olhar e falar para um público específico, falarem sobre as suas histórias, suas vivências e os blogs que também servem como registro, como suporte para o exercício da escrita e da inflexão, não a escrita pura e simples. Não foi observado impacto na escolaridade formal dos jovens que passaram pelo programa e isso sempre foi uma questão do programa. Nesta sexta edição, a resposta que o programa dá é o estabelecimento de parcerias com duas universidades, a UNISUL e a Universidade de São Caetano. A gente tem parcerias tanto de experimentações que vão acontecer no espaço das universidades – uma das organizações recebe os jovens numa sala da universidade e a ideia é apresentar esse mundo cheio de coisas do ensino superior para os jovens para eles entenderem e se aproximarem um pouco mais disso. Outra ação que a gente faz nessa sexta edição é abrir a inscrição para jovens que estão fora da escola com a intenção de retornar, então tem um trabalho forte nosso com os educadores de articulação local, com as diretorias de ensino, com as escolas, para levar de volta esses jovens pra escola e achar obviamente um sentido nesse retorno. Então tem uma articulação do trabalho da organização com o trabalho da escola, que é difícil, que é uma luta, mas tem muita energia colocada aí.

Algumas conclusões sobre o que a gente faz, mesmo sabendo que o trabalho de avaliação de um projeto social é um trabalho que está em aberto, vai ter conclusões que só servem pra gente continuar buscando, tentando responder as outras perguntas maiores... Mas enfim, a gente tem esse sistema de monitoramento que não é só o SAC, não é só o sistema informatizado, mas todas essas nossas ações, elas permitem acessar informações ao longo do processo do programa e contribuem para corrigir e fortalecer as ações, isso é o que eu acho muito importante, é uma coisa que guia as nossas ações.

Os resultados da avaliação impacto econômico reforçaram algumas hipóteses detectadas em outras avaliações e embasaram mudanças na gestão.

As entradas da avaliação no programa geram reflexão sobre as ações empreendidas e aprendizagem por parte de todos os envolvidos, ou seja, ela só tem sentido quando a gente consegue envolver todo mundo na discussão dos resultados, torna vivo o resultado e retorna ele em ação e conhecimento para o programa.

Os processos regulares de avaliação fortalecem as ações de participação e governança e aumentam a

credibilidade do programa. Que isso possa ser cada vez mais forte e que possam ser cada vez mais ricos os espaços de discussão.

É isso e espero que no debate a gente possa conversar mais.